

**ASSIS, Machado de. *Casa Velha / The Old House*. Trad. de Mark Carlyon. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010. 236 p.**

Cynthia Beatrice Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina

Luana Ferreira de Freitas  
Universidade Federal do Ceará

Os paratextos do conto *Casa Velha / The Old House* indicam o cuidado dispendido com essa edição especial, realizada pela editora Cidade Viva com patrocínio da Secretaria de Cultura do estado do Rio de Janeiro e do Instituto Light. Trata-se de um dos quatro volumes da Coleção River of January / River of January Series, que, segundo a editora, possui duas características principais: “a primeira está descrita no seu título, a de explorar a experiência carioca em épocas variadas através da literatura aqui produzida. A outra característica da coleção é o seu bilinguismo, onde textos em português e inglês são apresentados lado a lado” (quarta capa).

*Casa Velha / The Old House*, de Machado de Assis, integra a coleção, até o momento, junto com *A Alma Encantadora das Ruas / The Enchanting Soul of the Streets*, de João do Rio; *Memórias de um Sargento de Milícias / Memoirs of a Militia Sargent*, de Manuel Antônio de Almeida; e *Triste Fim de Policarpo Quaresma / The Sad End of Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Todos tiveram tradução de Mark Carlyon, que também participou da concepção editorial, e foram ilustrados respectivamente por Daniel Senise,



Esta obra está licenciada com uma Licença:

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Waltercio Caldas, Luiz Áquila e Ernesto Neto. De acordo com o que os editores explicam no texto de apresentação de *Casa Velha / The Old House*, intitulado *River of January – O Rio de Janeiro Visto pelos seus escritores*, Carlyon foi responsável pela “ousadia” de traduzir literalmente o nome da cidade brasileira, “o que acentua a poética contradição deste estranho toponímico, ao embaralhar espaço e tempo” (p. 9).

À primeira vista, o livro destaca-se em meio a tantos outros volumes na prateleira da livraria: a capa é toda fúcsia, levemente listrada de branco, ilustrada em relevo na parte da frente, com escritos em branco na quarta capa, e o papel é de ótima qualidade. Páginas “ilustradas”, com recortes que retratam a cabeça das personagens, entremeiam o conto. O texto de partida aparece nas páginas da esquerda, em branco sobre fúcsia; a tradução, nas páginas da direita, em fúcsia sobre branco.

Paratextos, por sinal, não faltam a essa edição de *Casa Velha / The Old House*. Na quarta capa, além de um comentário sobre o propósito da coleção à qual o livro pertence, está indicado o nome do tradutor da seguinte forma: “versão para o inglês / english translation Mark Carlyon”, assim em letras minúsculas. Abaixo dessa indicação, vêm “introdução / introduction Alexei Bueno”; “ensaio / essay John Gledson”; e “ilustrações / illustrations Daniel Senise”. Destaca-se, entre estes, o nome do inglês John Gledson, possivelmente o maior crítico machadiano da atualidade fora das fronteiras brasileiras. Antes mesmo de abrir o livro, portanto, nota-se o trabalho coletivo empregado na composição do volume.

Para o estudante de teoria da tradução, porém, a aparente visibilidade do tradutor pode conduzir a duas frustrações iniciais no contato com essa bela edição. A primeira é que se sabe que Mark Carlyon traduziu o conto *Casa Velha*, mas não se sabe se foi ele, também, quem traduziu os paratextos. Não se sabe, na verdade, nem mesmo se o comentário do tradutor e o ensaio ao final do

livro foram escritos primeiramente em português ou inglês, já que tanto Carlyon quanto Gledson poderiam em tese ter escrito em uma língua ou outra.

A segunda frustração é que, embora o nome do tradutor apareça na quarta capa e haja, ao final do volume, um comentário seu intitulado *Traduzindo Machado de Assis*, além de vinte Notas do Tradutor, não se consegue descobrir, com base nesse volume de *Casa Velha / The Old House*, nada mais sobre quem ele é. Seria um estudioso de Machado de Assis? Ligado ou não a uma universidade? Qual é a sua nacionalidade? No comentário *Traduzindo Machado de Assis*, Carlyon fala de uma “dívida especial de gratidão para com o Professor John Gledson, responsável junto com Lúcia Miguel-Pereira pelo resgate de *Casa Velha*, por ter recomendado a sua inclusão na coleção River of January e autorizado a utilização do seu ensaio antológico sobre o romance. A leitura do ensaio juntamente com o texto de Machado acrescenta, a meu ver, uma nova dimensão ao livro; após uma vida inteira estudando e traduzindo a obra do autor, a sutileza das percepções do Professor Gledson está à altura do próprio Machado” (p. 174). Esta declaração mostra uma possível relação profissional entre Carlyon e Gledson, e o valor que ele dá ao ensaio crítico de acompanhamento incluído na edição.

Uma pesquisa à parte facilmente localiza o website profissional de Carlyon, que se apresenta como escritor e tradutor radicado no Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Britânico, ele chegou ao Brasil em 1979 para trabalhar na Cultura Inglesa. Depois, fundou uma empresa especializada em traduções técnicas e nela ficou até 2009, quando passou a se dedicar com mais afinco a traduções literárias. Não se pode deixar de pensar, diante desses dados, que a edição de *Casa Velha / The Old House* poderia ter apresentado um perfil seu, ainda que breve.

Há, ainda, outra ausência frustrante: não é indicada qual versão do texto de Machado foi usada como texto de partida. (Tendo em mente que, após tantas reformas da língua portuguesa brasileira

desde a sua primeira publicação, o texto se modificou com o tempo.) Talvez fique subentendido que se trata da versão resgatada por Lúcia Miguel-Pereira, mas a informação não é explicitamente fornecida.

Todo o texto da edição, sem exceção, é bilíngue, aparecendo primeiramente em português brasileiro e, em seguida, em inglês. A começar pelo expediente, que lista catorze pessoas envolvidas no projeto e a função de cada uma delas, além dos patrocinadores da edição. A seguir, vem a apresentação do diretor-presidente da Light S.A., Jerson Kelman, que afirma: “É com orgulho que a Light participa deste programa editorial, certa de continuar cumprindo seu compromisso de resgatar a história do Rio de Janeiro e, assim, preparar a cidade e os cariocas para os desafios do futuro” (p. 5). Após esta, lê-se a apresentação dos editores e *A Cidade e o Tempo de Machado de Assis*, texto assinado pelo ensaísta Alexei Bueno especialmente para a edição.

Com base em todo esse rico material, fica clara a intenção, por parte do projeto editorial, de enfatizar *Casa Velha* como um conto que ilustra o Rio de Janeiro. Ainda que o leitor não soubesse como a cidade do Rio de Janeiro é pano de fundo constante em toda a obra de Machado de Assis, por meio desses paratextos ele poderá apreender com mais clareza esse traço marcante.

O primeiro texto anexo à obra literária, que a precede, é o de Alexei Bueno. Primeiramente, ele propõe um apanhado da história brasileira oitocentista, traçando um paralelo entre fatos pessoais da vida de Machado de Assis – pesquisados à minúcia – e as tantas reviravoltas políticas que marcaram os anos 1800. Nota-se, assim, o cuidado, por parte dessa edição, de localizar temporal e espacialmente o autor de *Casa Velha*, e de elucidar a sua formação literária como fator determinante para a atividade de escritor. Tendo morado a vida toda no Rio de Janeiro e nunca viajado para longe, Machado transformou a cidade em cenário da maioria de

suas histórias, como reflete Bueno: “O Rio de Janeiro é, portanto, para Machado de Assis, o anfiteatro em que ele vê desfilar a dança macabra do egoísmo e da baixeza dos homens” (p. 24).

Já no ensaio que sucede a obra, John Gledson faz um histórico do conto *Casa Velha* publicado pela primeira vez como folhetim em 1885-6, na revista carioca *A Estação*, e dividido em 25 episódios. Depois de um período de esquecimento, apenas em 1944 é que foi resgatado por Lúcia Miguel-Pereira. O conto tem como narrador o cônego da Capela Imperial, que relata um fato ocorrido muitos anos antes. Em busca de documentos para escrever a história do Primeiro Reinado, o padre-narrador, de acordo com Gledson, acaba por se envolver em um drama familiar: a viúva D. Antônia, mãe de Félix, proíbe o romance deste seu filho com a moça Lalau, uma órfã agregada em sua casa. Em seu ensaio, o crítico inglês aponta semelhanças entre essa trama e a de dois romances machadianos conferidos à sua fase romântica, *Helena e Iaiá Garcia*.

A análise abrangente que Gledson propõe em seu texto, abordando aspectos estilísticos, sociológicos e psicológicos do conto, já é, por si só, um grande fator de interesse por essa edição de *Casa Velha / The Old House*. Mesmo quem conhece o conto pode tirar bastante proveito desse paratexto. Como é de se esperar do ponto de vista de Gledson, que costuma valorizar, sobretudo, o aspecto sócio-histórico da produção machadiana, o ápice de sua análise está justamente no paralelismo que propõe entre o enredo do conto e a própria história do Primeiro Reinado brasileiro – aquela que o padre-narrador vai buscar na Casa Velha. Ele escreve que

esse nível político/histórico une dois momentos, um presente, de fevereiro a agosto de 1839 [a ida do narrador à Casa Velha], e um passado, no Primeiro Reinado (o tempo no qual o pai de Félix foi Ministro e de seu romance com a mãe de Lalau). O presente refere-se, sobretudo, aos eventos

que conduziram à prematura Maioridade de Pedro II em 1840 e à ameaça de revolução e secessão no Rio Grande do Sul (a Guerra dos Farrapos), que culminou naquele ano com a tomada de Laguna, em Santa Catarina, pelos rebeldes liderados por Garibaldi. O momento de maior tensão nesses eventos (a tomada de Laguna) coincide com a principal crise na trama, o recurso de Dona Antônia à insinuação do perigo de incesto. (ASSIS, 2010, p. 193)

O incesto a que Gledson se refere aqui é o argumento da mãe, Dona Antônia, para impedir que seu filho se case com a moça pobre; ela insinua que Lalau seria fruto de um caso extraconjugal de seu marido. Félix e Lalau, portanto, seriam meios-irmãos. Gledson defende que essa trama aparentemente familiar, de alcova, seria uma metáfora da situação brasileira à época. Como diz ele, “eventos particulares e ‘desimportantes’ assumem a precedência sobre a crise pública” (p. 194).

As propostas dos paratextos são um convite para investigar em que medida a tradução de Carlyon preserva as referências geográficas e históricas da trama machadiana. Uma leitura atenta revela, então, o cuidado por parte do tradutor em manter, de fato, essas referências tal qual aparecem no texto de partida. Figuras e fatos históricos e nomes de lugares – como do próprio Rio de Janeiro e de endereços, como Rua da Candeia e Rua do Ouvidor – não são omitidos e aparecem com a mesma grafia do português. Porém, é o estilo machadiano, e não o conteúdo referencial do texto, que mais parece ter sido modificado pela tradução.

Pode-se avaliar essa discrepância, entre o cuidado com a preservação das informações e uma flexibilidade maior no estilo, já no segundo parágrafo, no qual é introduzida a voz do padre-narrador. Escreve Machado:

— Não desejo ao meu maior inimigo o que me aconteceu no mês de abril de 1839. Tinha-me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de D. Pedro I. Até então desperdiçara algum talento em décimas e sonetos, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis ao púlpito. No mês de agosto de 1838 li as Memórias que outro padre, Luís Gonçalves dos Santos, o padre Perereca chamado, escreveu do tempo do rei, e foi esse livro que me meteu em brios. Achei-o seguramente medíocre, e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer coisa melhor. (ASSIS, 2010, p. 44)

Carlyon o traduz da seguinte maneira:

“I wouldn’t wish on my worst enemy what I went through in the month of April 1839. I had had the idea of writing a political work; a history of the reign of Dom Pedro I. Until then I had squandered what little talent I had on sonnets and verses, numerous articles for periodicals, and a few sermons that I left to others to preach when I realized I lacked the gifts indispensable to the pulpit. In the month of August 1838 I read Memoirs which another priest, Luis Gonçalves dos Santos, known as Father Perereca, had written about the time of the king, and it was this book that made up my mind. I found it decidedly second rate, and wanted to show that a member of the Brazilian clergy could produce something better. (ASSIS, 2010, p. 45)

Este trecho em inglês remete a três notas do tradutor, encontradas ao final do conto: sobre Dom Pedro I; sobre o Padre Perereca / Father Perereca, este também remetendo a uma anotação dos editores no texto em português, por se tratar de uma figura histórica um tanto obscura na atualidade; e explicando qual seria o *king*

(rei) ao qual o narrador se refere – talvez porque poderia não ficar evidente para um leitor de língua inglesa que Dom Pedro I é o rei em questão.

Antes mesmo de ler, nota-se a aparência diversa dos textos em português e inglês: o texto de partida reúne essa primeira fala do padre-narrador em um bloco só. Em inglês, ele é dividido em dois parágrafos. Alguns detalhes, aqui, também indicam pequenas diferenças que serão adotadas no restante da tradução, como a eliminação do acento dos nomes das personagens (Luís – Luis; e, mais para frente, Cláudia – Claudia; Antônia – Antonia; Félix – Felix) e a troca da primeira vírgula por ponto e vírgula.

Há trechos de sua tradução, porém, mostram o apagamento do estilo machadiano em prol, possivelmente, de uma clareza textual em língua inglesa. A apresentação da personagem Lalau é um dos momentos do texto que mais parecem revelar essa tendência clarificadora, de acordo com Berman (2012), ressaltando na sua tradução o conteúdo em vez da letra. “Chamava-se Cláudia; Lalau era o nome doméstico” (p. 70), por exemplo, torna-se “Her name was Claudia, which was shortened to Lalau” (p. 71). Para o leitor de língua inglesa, portanto, fica claro que Lalau é apelido de Claudia, mas nada além disso. Entretanto, “Lalau era o nome doméstico”, como diz o narrador no texto de Machado, é uma expressão polisêmica, pois abarca a ideia de intimidade e, ao mesmo tempo, faz uma referência indireta à *Casa Velha* do título do conto – dentro da casa, isto é, domesticamente, Cláudia é chamada de Lalau.

Ao traduzir, ainda, “Lalau, se não nasceu ali, ali foi criada e tratada sempre, ela como a mãe, no mesmo pé de outras relações; eram menos agregadas que hóspedes” (p. 70) como “If she had not been born in the Old House, Lalau had been brought up there. She and her mother had always been treated the same as all other friends; they were more like guests than adopted members of the household” (p. 71), Claryon recria a frase concisa de Machado,



à moda elíptica que caracteriza o seu estilo, em duas frases separadas. Substitui o “ali” machadiano por Old House, explicitando a localização. E, por mudar a forma e escolher vocábulos menos precisos, acaba alterando também detalhes do conteúdo: Lalau foi “criada e tratada”, não apenas criada (*brought up*); são “relações”, não amigos (*friends*); e, na mais relevante mudança, “agregadas” tornam-se “adopted members of the household”.

Sobre a relevância da figura do agregado na obra machadiana, Gledson já discorreu em outras ocasiões, e ele próprio traduziu agregado como *dependent* em sua versão de *Dom Casmurro* (GLEDSON, 1997), para explicitar a relação de dependência que os agregados (não-escravos sem fonte de renda) tinham com os proprietários no Brasil imperial. Mais do que “adopted members”, portanto, Lalau e sua mãe eram dependentes de D. Antônia, o que pode sugerir uma relação assimétrica de poder – um aspecto fundamental para a compreensão da trama.

Outra tendência bermaninana facilmente notada na tradução de Carlyon é o alongamento do texto: em quase todas as páginas, o texto em inglês é mais longo do que o texto de partida. A elipse tão cara estilisticamente a Machado é apagada em grande medida Carlyon que se alonga ao explicar o que é apenas sugerido em Machado, como no exemplo da apresentação de Lalau.

Estes são apenas exemplos de possíveis tendências tradutórias adotadas por Carlyon, que pode ser facilmente cotejada com o texto de partida, já que aparece lado a lado com ele nesta edição. No mercado, edições bilíngues, com texto de partida e tradução lado a lado, costumam ser mais comuns no campo da poesia. Essa edição dá a chance de cotejar a prosa machadiana parágrafo a parágrafo.

Pode-se dizer, em suma, que a tradução de Carlyon se beneficia, sobretudo, da edição caprichada em que está inserida, rica em paratextos e esteticamente atraente. O conjunto, composto pelo conto

*Casa Velha* em português e inglês, por três apresentações diferentes e mais um ensaio crítico, é muito informativo. A tradução do conto, porém, nem sempre demonstra preocupação em preservar o estilo – e este pode ser mesmo, de toda forma, o maior desafio para um tradutor que enfrenta a sinuosa prosa machadiana, o que não tira em nada o inegável mérito da edição e do tradutor na divulgação das letras brasileiras.

## Nota

1. Disponível em: [www.markcarlyon.com.br](http://www.markcarlyon.com.br). Acesso em: 25 jun. 2014

## Referências bibliográficas complementares

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Trad. de John Gledson. Nova York: Oxford Press, 1997.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

MARK CARLYON. Disponível em: [www.markcarlyon.com.br](http://www.markcarlyon.com.br). Acesso em: 25 mar.2014.

Recebido: 30-04-14

Aceito: 05-06-14